TEATRO

APLAUSO

ANO IV Nº 45 EXEMPLAR GRATUITO

Jornal do Teatro
Em Cartaz
Amir Haddad
Flávio Marinho
Gracindo Júnior
Juca de Oliveira
Luana Piovani
Maitê Proença

Miguel Falabella e Cláudia Jimenez

Batalha de arroz num ringue para dois

As diversas fases de um casal. Com muito humor

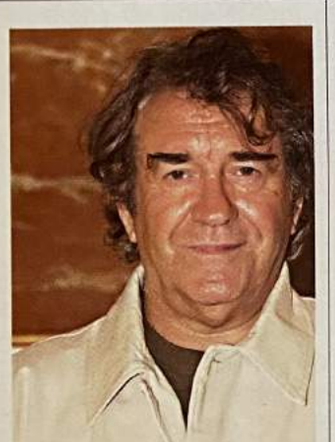
Multishow em Revista.
Você não vai cansar de aplaudir.

No Multishow em Revista, você encontra o making of de grandes espetáculos, entrevistas com personalidades, assiste a clipes em primeira mão e ainda confere as dicas da semana de shows, filmes, peças de teatro e artes plásticas. Multishow em Revista. Um programa que merece aplauso.

De segunda a quinta, às 21h45. E todo domingo, às 22h45, tem o Compacto da Semana.

multi show
CANAL GOBOSAT

Os deuses do teatro



"Qual é a próxima novela?"

Esta é a pergunta que mais ouço dos fãs. Ao contrário da maioria dos atores e atrizes, não pertenço à televisão, ou seja, não tenho contrato com a Globo ou qualquer outro canal. O teatro é a minha prioridade. Como escrevo e represento minhas peças que, graças aos Deuses do Teatro, até agora tiveram carreiras muito longas, nem sempre sobra tempo para a tevê.

Pois é, acredito piamente nos Deuses do Teatro! Por essa crença, que acaba norteando minha vida de ator, é que privilegio o teatro, ou seja, jamais deixo uma peça para fazer televisão ou cinema. Presto culto a Thalia e Melpômene, minhas duas Musas do Teatro. Cada uma levando nas mãos a máscara característica: a da comédia (Thalia) e a da tragédia (Melpômene). E sou extremamente grato a Thalia pelo sucesso das minhas comédias. Mas sei também que os Deuses são generosos nas dádivas a aqueles que os veneram, mas rancorosíssimos para com os desrespeitosos e indiferentes. Então, quem sou eu para despertar a ira de uma deusa? Continuo no teatro, com obstinação e paixão.

Isto não quer dizer que eu não me dedique de corpo e alma à televisão, quando ela entra na minha vida. Fiquei um ano fazendo *O Clone*, um trabalho inesquecível. Todos nós devemos muito desse sucesso ao gênio de dois grandes criadores: a escritora Glória Perez e o diretor Jayme Monjardin. Mas acredito que foram ainda as Musas que teceram o destino para que coincidisse o final da temporada da peça *Caixa 2* com o início das gravações da novela.

Acabei de filmar *O Piadista*, de Sérgio Resende. E acho que mais uma vez foi uma concessão das Musas. Não brinco com essas coisas. Sou muito fiel a essa minha crença. Foi uma aventura absolutamente maravilhosa fazer o filme, mas só fiz porque ELAS deixaram."

Juca de Oliveira, janeiro de 2003

Demônio sedutor

O embate entre Fausto e Mefisto sobe ao palco do Planetário da Gávea em março. Idealizador do projeto, Moacyr Chaves dirige os atores Gabriel Braga Nunes e Fernando Eiras em *Fausto*, de Goethe. O grupo está ensaiando desde agosto último. O doce Fernando Eiras interpreta Mefisto, já que o diretor não quer mostrar o óbvio. O diabo de Goethe não é Lúcifer, mas um grande demônio sedutor.

Menu completo

Até março, o diretor André Paes Leme ocupa a Casa da Gávea com um projeto ambicioso e diferente, o Menu Completo. Além da reestréia de *Chega de Sobremesa*, ele também preparou uma adaptação de dois contos de Mário de Andrade, em *Belazarte me Contou*, e criou com Alexandre Melo o texto de *Na Geladeira*, em que o público poderá debater a construção do espetáculo, participando do ensaio.

Intimidade Indecente

Depois de São Paulo e Portugal, chega em abril ao Rio a comédia romântica *Intimidade Indecente*, uma história de amor na maturidade, com suas crises, encontros e desencontros. Escrita por Leilah Assumpção e dirigida por Regina Galdino, a peça é protagonizada por Irene Ravache e Marcos Caruso, que vivem um casal que resolve se separar aos 50 anos. Paixão, sexo e companheirismo estão entre os ingredientes.

Troca-troca

Com estréia adiada por mais de um mês, *Nada de Pânico*, originalmente *Noises Off*, estreou com novos nomes no elenco e direção. Marco Nanini e Guel Arraes, produtores e num primeiro momento os diretores, cederam a direção para Enrique Dias. No lugar de Louise Cardoso entrou Guida Vianna. No de Carvalhinho, Nelson Dantas.

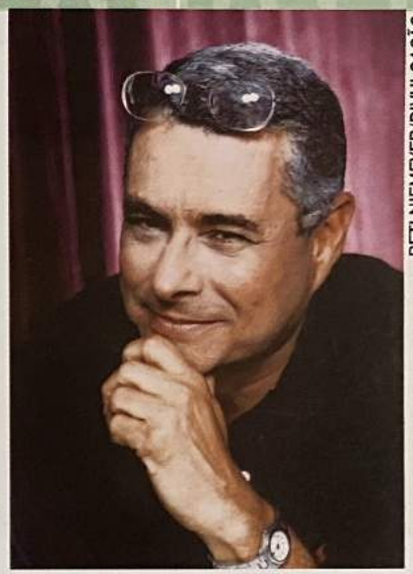
MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel e Tania Carvalho (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de capa: Flávio Colker/divulgação.

Flávio Marinho

A conta que não fecha



BETI NIEMEYER/DIVULGAÇÃO

"Impossível renegar uma vocação", diz Flávio Marinho.

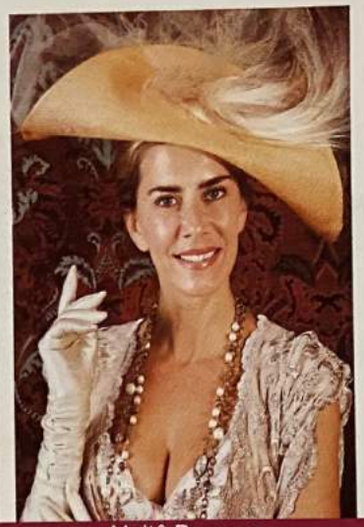
Muitos autores passam à produção por descontentamento com a direção dada a seus textos. Não foi o meu caso. Pelo contrário. Tive muito sucesso nos meus primeiros trabalhos: Wolf Maya encenou um espetáculo de comunicação furiosa com *Splish Splash* e Cininha de Paula emprestou um charme irresistível a *Perfume de Madonna*. O micróbio do autor-diretor-produtor, porém, já estava inoculado.

Mas com a redução do número de apresentações (nos anos 80, eram sete sessões semanais) para as quatro sessões por semana de hoje e com as despesas fixas (aluguel de teatro, anúncios, salário de técnicos – só para citar três ítens) aumentando como se ainda estivéssemos vivendo na inflação dos anos 80, a tal "economia teatral" é uma conta que não fecha. Vivemos uma equação perversa. Se o ingresso de cinema está a R$14,00, o do teatro, historicamente, deveria estar a R$ 70,00 e não ao preço médio de R$ 20,00. Um número alto para a realidade econômica do espectador – mas muito baixa para o produtor.

Entra em cena, então, a personagem do patrocinador – um caso à parte nisso tudo. Com ele, é introduzida a tão debatida trama do marketing ser quase sempre mais importante que o aspecto artístico-cultural do projeto. Não é fácil furar o bloqueio.

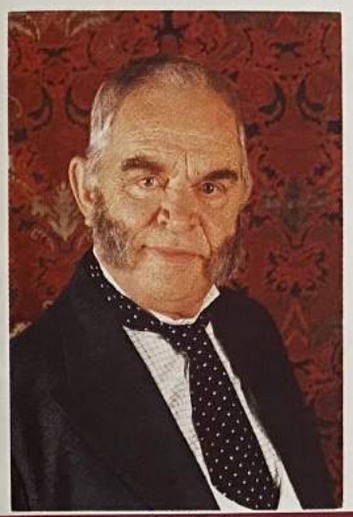
Diante deste quadro, dá vontade de desistir? Nem pensar. Quando se é mordido por alguma vocação, é praticamente impossível renegá-la. Está na veia. Sem teatro, não dá para viver. Em parte por causa dele, cheguei a encarar cinco anos e meio à frente da Casa de Cultura Laura Alvim – que me revelou uma outra insuspeita vocação: a administrativa. Mas isso, como diria Madame Jacobina (Marilu Bueno) em *Splish Splash* nos remotos anos 80, é uma outra história..."

Herson Capri



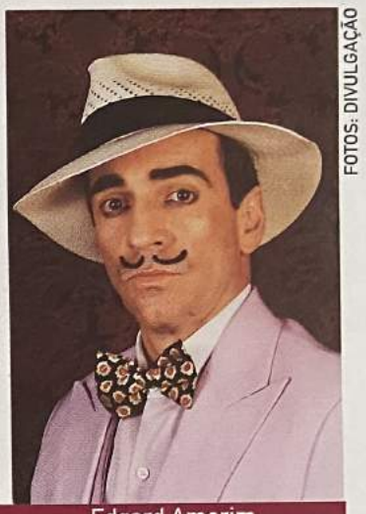
Maitê Proença

Edwin Luisi



Rogério Fróes

Françoise Fourton



Edgard Amorim

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Com a pulga atrás da orelha

Em sua quarta montagem brasileira, a Comédia de Georges Feydeau tem Herson Capri e Maitê Proença no elenco.

Por Maria Lucia Rangel

Gracindo Júnior tinha apenas 17 anos quando acompanhou a montagem de *Com a Pulga Atrás da Orelha*, espetáculo de estréia do Teatro dos Sete. Era 1960 e ele fazia um curso de teatro com os atores da companhia. A paixão fulminante pela técnica de representar do autor, Georges Feydeau, acompanhou-o por todo este tempo — e há cinco anos ele batalhava por uma remontagem. Com patrocínio da Embratel, o espetáculo chega ao Rio depois de excursionar por seis cidades, incluindo uma temporada de sucesso em São Paulo. O diretor Gracindo Junior e o grupo formado por Herson Capri, Maitê Proença, Edwin Luisi, Rogério Fróes e Françoise Fourton está no Teatro Scala.

O clássico de Feydeau ganhou três montagens anteriores no Brasil. Em 1954, com Maria Della Costa. Em 1960, com Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi. E em 1984, com Eliane Giardini e Renato Borghi. Mestre maior de um gênero teatral conhecido como vaudeville – envolvendo intrigas amorosas, correrias e uma pitada de crítica social – Feydeau parte de uma história simples, mas contada de maneira como só ele sabia contar: uma mulher desconfia que o marido a trai e pede a uma amiga que escreva para ele uma carta anônima marcando um encontro numa casa suspeita.

"Quis passar uma visão nova de espetáculo", conta Gracindo, "e usei elementos circenses e da Commedia Dell'Arte. Mas o que mais gostei é que, apesar de trabalhar com atores muito conhecidos, consegui transformá-los num grupo. Sem estrelas, apesar de alguns papéis se destacarem."

Entre amigos

O diretor, que vem alternando atuação com direção desde 1976, admite que de vez

Grande elenco na trama doida de mal entendidos entre 15 personagens

em quando sente vontade de estar no palco, mas montou um elenco de amigos e ex-colegas de trabalho, e ficou feliz com o resultado. Só o inglês Michael Menaugh e o francês Jean Marc nunca tinham trabalhado com ele.

Herson Capri, responsável por dois personagens – Chandebise e Poche – lembra que *A Pulga* dá aos atores treinamento de ritmo, de construção de personagens, de tempo de comédia, de dramaturgia, de geografia de palco, de relacionamento no palco e fora dele. "Foi um aprendizado para nós", diz ele. Para Maitê Proença, na pele de Raymonde, "a beleza da peça está na forma do vai e vem e entra e sai de 15 personagens, todos se enredando numa trama doida de mal entendidos. A graça vem da engenharia na escrita de um Feydeau genial". Com tradução e adaptação de Gianni Ratto, que dirigiu a versão do Teatro dos Sete, *A Pulga* tem trilha musical incidental feita por Gracindo.

Em seu livro *Fábrica de Ilusões*, Sérgio Britto lembra que adorava fazer *A Pulga* na montagem de 1960. Conta que "uma noite uma senhora riu tanto que quebrou a cabeça, batendo com a testa na cadeira da frente..."

Colecione!

Assine!

Enviamos para todo o Bras

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-139

ou e-mail: aplauso@gbl.com.

Assinatura semestral

R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$

Edições de 1 a 44

Quem tem medo de Kurt Weill?

Fábio Pillar., Tadeu Aguiar, Márcia Cabral e Cláudia Vignone

João Máximo mostra a trajetória do compositor partindo da Alemanha, passando por Paris e finalmente encontrando a paz em Nova York.

Por Maria Lucia Rangel

Kurt Weill foi muito mais do que compositor de cabaré. A partir desta certeza, o jornalista e escritor João Máximo – este ano ele lança em dois volumes sua pesquisa sobre os 100 primeiros anos da música no cinema – traçou o roteiro da vida musical de Kurt Weill partindo da Alemanha, passando por Paris e indo até Nova York, onde morreu aos 50 anos. No palco do Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal, quatro atores-cantores darão vida e voz não só ao compositor mas também a Bertold Brecht, Lotte Lenya e um militar nazista. São eles Fábio Pillar, Márcia Cabral, Tadeu Aguiar e Cláudia Vignone.

João Máximo achava importante mostrar que Kurt Weill foi muito mais do que um compositor de cabaré. Lembra que ele começou com música clássica, trabalhou em teatro de esquerda, passou por Paris (onde não foi bem compreendido) e acabou em Nova York fazendo teatro musical americano, sonho de toda a vida.

Weill light

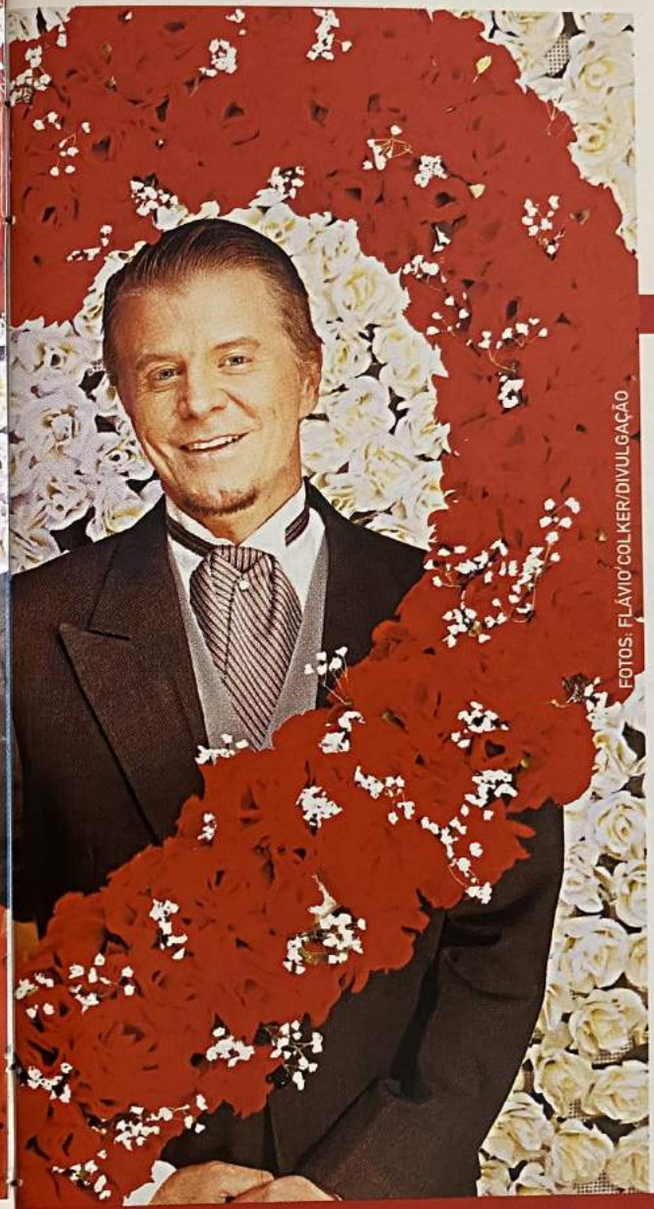
"É esta última fase dele a que eu mais gosto", admite João. "É um teatro musical mais próximo da Broadway, com uma linha política mais liberal. É uma música mais palatável. A da fase alemã é política demais e pouco melódica, difícil de guardar. Uma das encenações do espetáculo é de uma música do musical Lady in the Dark, da fase americana". Mas os atores-cantores interpretam também, de forma performática, os variados tipos existentes nas canções do compositor, que mudou o cenário teatral alemão com peças famosas como a Ópera dos Três Vinténs e deixou músicas lindas como Speak Low e September Song. A direção é do ator Fábio Pillar. E a direção musical de Helvius Vilela e Edson Frederico. O espetáculo abre com Come to Florence, música alegre bem diferente do que se espera de Kurt Weill. "Apesar de ter continuado político, sua música se abrandou. Nos Estados Unidos fez musicais contra o apartheid, contra a guerra, sobre a psicanálise. O título Quem tem Medo de Kurt Weill vem daí, pois em todos os lugares ele foi meio amaldiçoado", diz Máximo. Quando está em Berlim é de esquerda, apesar de não ser tão comunista quanto Brecht. De Paris teve que fugir. Em Nova York, se encontrou."

FOTO: DIVULGAÇÃO

BATALHA DE ARROZ

Miguel Falabella e Cláudia Jimenez vivem as agruras de um casal, em peça escrita por Mauro Rasi.

Por Maria Lucia Rangel



FOTOS: FLÁVIO COLKER/DIVULGAÇÃO

Dezoito anos depois de receber o ponto final, a peça de Mauro Rasi escrita especialmente para Cláudia Jimenez e Miguel Falabella estréia finalmente com os dois atores em cena. A partir de 7 de fevereiro, no Teatro Vannucci, *Batalha de Arroz num Ringue para Dois* estará recuperando um momento do teatro que já virou tese de mestrado na Faculdade de Minas Gerais: o besteirol.

"Temos muita intimidade na vida e no palco", diz Miguel em relação a Cláudia. "*Como Encher um Biquíni Selvagem* foi um marco nas nossas carreiras. E em nosso último trabalho juntos em *Sai de Baixo*, na televisão, apesar de sermos personagens antagônicos, fizemos imediatamente uma dobradinha".

"Quando *Batalha de Arroz* ficou pronta, em 1985, eu estava em outro projeto e o Miguel acabou montando com a Bia Nunes", conta Cláudia. "Hoje, é emocionante ver um texto escrito para mim tão atualizado. O Mauro deu pouquíssimas mexidas."

Fases de um casamento

Mauro Rasi dá uma visão delirante e bem-humorada das diversas fases de um casal. Começa com o casamento — Bodas de Ciúme — com Cláudia vestida de noiva e Miguel no altar. A platéia é convidada a participar da cerimônia, sendo recepcionada pelos noivos. O casal passa então por crises de ciúmes infantis. Ela é uma mulher submissa. Ele, ciumento e agressivo.

Em seguida vem Bodas de Supressão (ou O Eclipse), quando um praticamente suprime o outro, matando-o de "amor". "O marido fragiliza tanto a mulher que ela acaba morrendo", diz Cláudia. "A mais saudável é a personagem de Bodas de Egolatria. O marido não vê mais a mulher. Lê jornal, fala ao telefone, come, sempre ignorando-a. Até que ela não agüenta mais e vai embora."

NUM RINGUE PARA DOIS

Por fim, acontecem as Bodas da Paixão. A mulher tentando salvar o casamento. "Ela ouve falar que as gueixas são as melhores mulheres do mundo e começa a virar uma", ri Cláudia.

Ao contrário do que possa parecer, a atriz diz que a mulher não é vítima na peça. "Essas doenças são bilaterais. A mulher que apanha a primeira vez e fica, é porque gosta de apanhar. Claro que é uma comédia e tudo é levado ao exagero extremo. Embora não se pareça com nada que eu tenha feito, admito que já vivi tudo isso. À medida que crescemos vamos evoluindo."

Para Miguel, os quatro casais que interpretam os quatro movimentos são um resgate de pedaços dele e de Cláudia: "Claro que vistos com uma lente de aumento. Mas mexe com todo mundo, porque todos já viram ou viveram algo parecido. O Miguel ciumento está na peça, o egocêntrico, o tirano, assim como toda a platéia. Está tudo lá."

Experiência difícil

Pela primeira vez se dirigindo, Miguel admite estar apanhando um pouco: "É muito chato e complicado. Dá insegurança não estar me vendo. Vou começar a gravar as cenas. E não quero repetir a experiência. Nem sei como o Woody Allen consegue fazer isso."

Cláudia, que tem alternado trabalhos no cinema, TV e teatro com o mesmo prazer, reconhece que o teatro é mesmo seu primeiro veículo pela resposta imediata. Quanto ao trabalho de comediante, pelo qual é admirada e copiada, aprendeu numa escola especial. "Claro que existe o tempo de comédia, mas não tenho técnica alguma. O que tenho é uma escola maravilhosa. Estreei em *A Ópera do Malandro* com Marieta Severo, Otávio Augusto e Ary Fontoura. Passei cinco anos na "Escolinha", com Chico Anysio, Nádia Maria, Berta Loran e Lúcio Mauro. E fui esperta para absorver tudo isso em minha vida."

Com cenário de Cláudio Tovar, figurinos de Sonia Soares e iluminação de Maneco Quinderé, *Batalha de Arroz* é, acima de tudo, um espetáculo de entretenimento e de alegria. Como diz Miguel, "marca um encontro e também faz uma homenagem aos que se foram, como Vicente Pereira".

Nomeação polêmica

Na primeira quinzena de janeiro, Miguel Falabella assumiu o cargo de gestor da rede municipal de teatros do Rio de Janeiro. Na prática, o convite feito pelo prefeito Cesar Maia implica no comando dos dez teatros e seis lonas culturais da cidade. Para o prefeito, "Falabella dará à nossa rede de teatros um caráter público. Deixará de ser off-Broadway para ser Broadway". Muitos adoraram a idéia. Outros, nem tanto. Embora negando que estivessem fazendo uma campanha pessoal contra Falabella, autor, diretor, produtor e ator de sucesso indiscutível, muitos participantes da cena teatral carioca discordaram da maneira com que a classe artística foi tratada. "Essa decisão arbitrária nos afetou muito. Todos nós ficamos sabendo pelos jornais das mudanças de rumo da política cultural da cidade", diz o diretor André Paes Leme. Para a produtora Bianca de Felippes, "não cabe discutir quem é a favor ou contra Miguel Falabella. Pessoalmente, acho que ele vai fazer uma ótima administração, mas sinto que é imprescindível essa mobilização para que sejam levantadas questões mais fundamentais. Discutamos, sim, a ocupação dos nossos teatros, a criação de público, as diretrizes de uma política cultural."

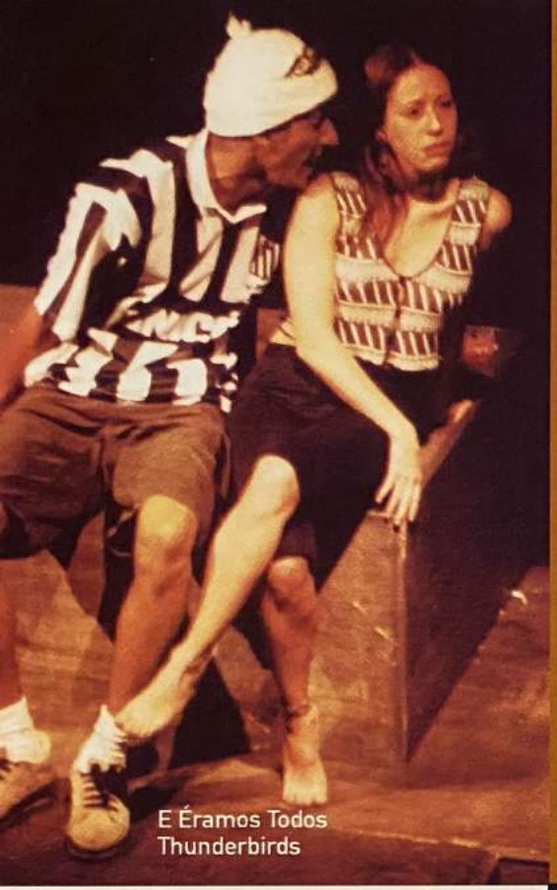
> "Todos nós ficamos sabendo pelos jornais das mudanças de rumo da política cultural da cidade"
> André Paes Leme

Por sua vez, Falabella já tem claro os pontos principais de sua atuação como gestor. "Quando recebi o convite, achei interessante porque sempre acreditei que a política tem sido excludente para com a população carente. A política que se fez até hoje em relação aos teatros é totalmente elitista, para quem pode e tem sofisticação", diz ele sobre a estrutura que pretende mudar.

E o que não falta é interesse desse público mais carente, segundo os próprios números da Prefeitura. "Falando honestamente, minha política de ocupação nos teatros é democrática, mas favorecendo a população carente. Há uma pesquisa mostrando que, na zona Sul, a cultura está em 7º lugar. Nas zonas Norte e Oeste, em 2º. Eles têm sede de ver e de assistir. Então, não vou deixar de favorecê-los. Porque teatro confere cidadania às pessoas. Perguntem ao povo o que ele quer!"

> "Minha política de ocupação nos teatros é democrática, mas favorecendo a população carente"
> Miguel Falabella

(por Tânia Carvalho e Janaína Medeiros)



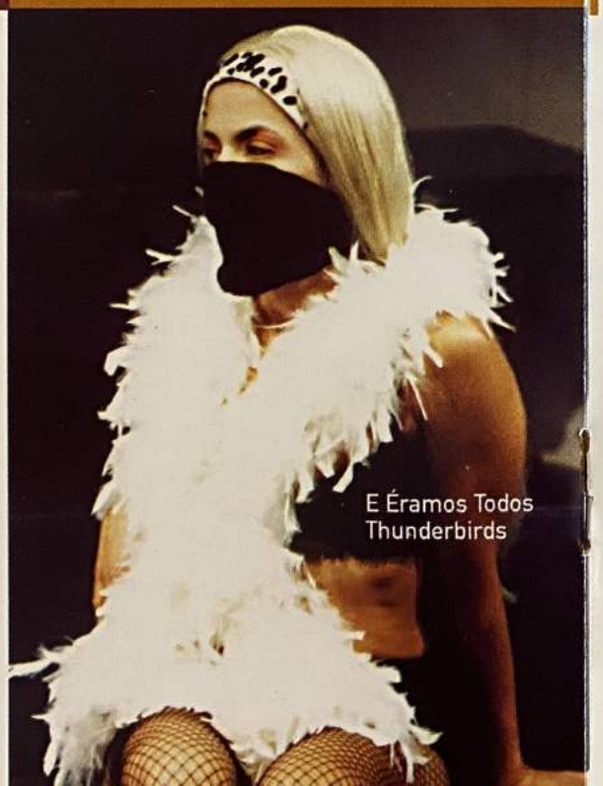
E Éramos Todos Thunderbirds

Festival Mário Bortolotto

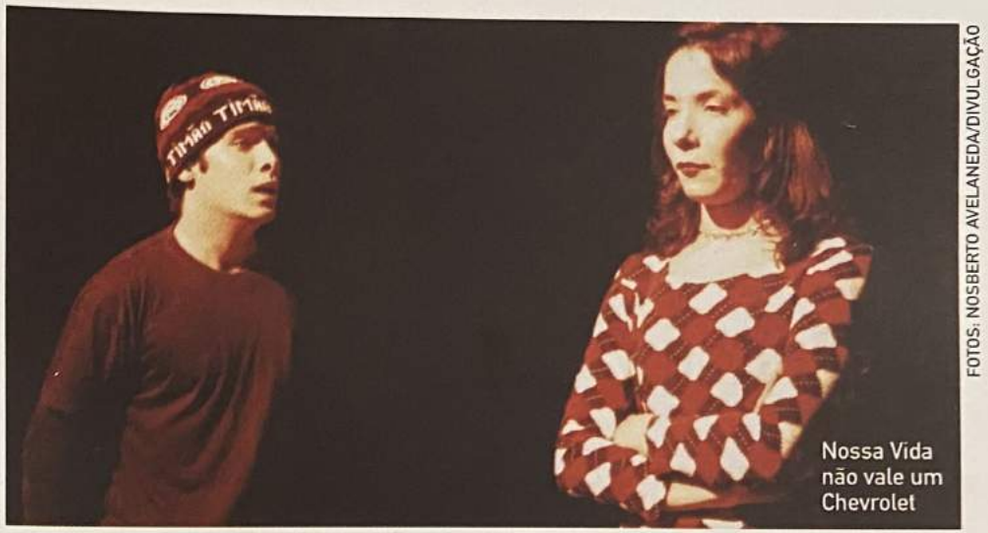
Cemitério de Automóveis mostra suas peças no Espaço Cultural Sérgio Pôrto.

Por Maria Lucia Rangel

Com 25 anos de carreira, Mário Bortolotto é uma espécie de faz-tudo no teatro. É responsável pelos textos, direção, sonoplastia e iluminação dos espetáculos do grupo paulistano Cemitério de Automóveis, criado por ele há 20 anos. Nascido no Paraná e radicado em São Paulo, já tem cerca de 40 textos no currículo. Foi o ganhador do Prêmio Shell de 2000 com o espetáculo *Nossa Vida não vale um Chevrolet* e da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) pelo conjunto de obra. A convite da Rio Arte, Bortolotto chegou ao Rio com o Cemitério de Automóveis, ocupando o Espaço Cultural Sérgio Pôrto durante os meses de janeiro e fevereiro e exibindo quatro espetáculos do seu repertório, começando com o vencedor do Prêmio Shell.



E Éramos Todos Thunderbirds



Nossa Vida não vale um Chevrolet

FOTOS: NOSBERTO AVELANEDA/DIVULGAÇÃO

Agenda

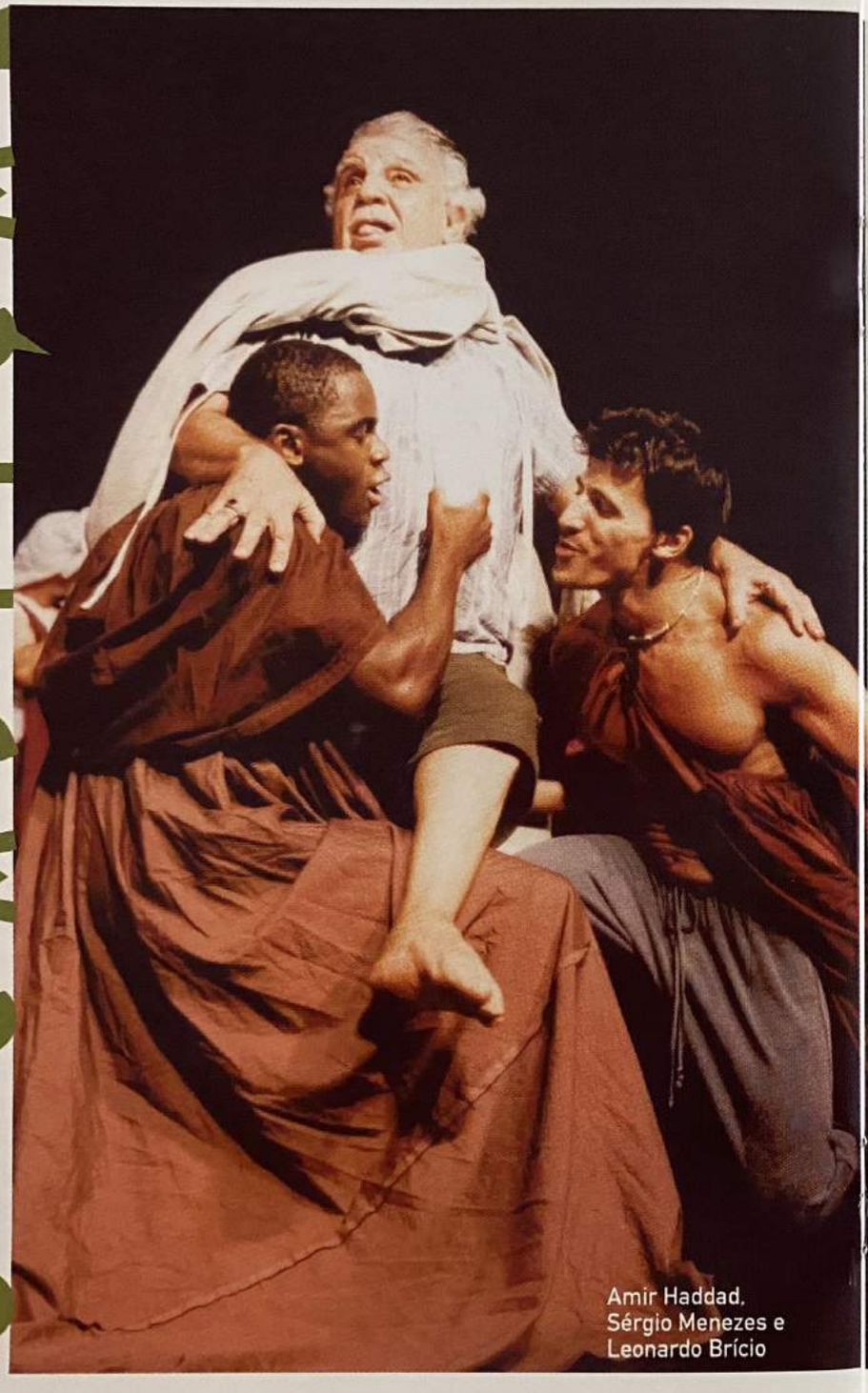
As apresentações de *Nossa Vida Não Vale um Chevrolet* terminaram no dia 19 deste mês. De 24 de janeiro a 2 de fevereiro, entra em cena *Diário das Crianças do Velho Quarteirão*, a história de dois amigos politicamente incorretos que passam as tardes tomando cerveja e falando mal de tudo e de todos. A amizade de Jaime, um saxofonista perdedor, e Álvaro, um desenhista de histórias em quadrinhos, é abalada com o surgimento de Tati, uma *street girl* por quem ambos se apaixonam. No elenco, Eucir de Souza, Fernanda D'Umbra e Mário Bortolotto.

Vamos Sair da Chuva quando a Bomba Cair é a terceira peça a ser apresentada, de 7 a 16 de fevereiro, e mostra Ângela, uma jovem produtora bem-sucedida, típica nova mulher, tentando manter um relacionamento com Hassim, um vagabundo tradicional que, embora a ame, não parece disposto a mudar de vida, apesar de ela tentar reverter a situação.

E de 21 a 23 de fevereiro sobe ao palco *E Éramos Todos Thunderbirds*, sobre quatro traficantes de maconha que não conseguem vender nada porque consomem todo o produto, passando os dias esparramados num sofá tomando cerveja e assistindo a MTV.

Complementando este verdadeiro Festival Bortolotto, será administrada uma oficina para atores maiores de 18 anos, com alguma experiência de teatro. Não há critério de seleção, mas as vagas são apenas 20. A oficina será ministrada de 11 a 16 de fevereiro no próprio Espaço Cultural Sérgio Pôrto.

O CASTIÇAL



Amir Haddad, Sérgio Menezes e Leonardo Brício

FOTO: DIVULGAÇÃO

Peça de Giordano Bruno é encenada pela primeira vez fora da Itália.

Por Maria Lucia Rangel

Amir Haddad não esconde o entusiasmo em montar *O Castiçal*, escrita no século 17 pelo italiano Giordano Bruno. Subindo ao palco do Teatro Carlos Gomes em fevereiro, com um elenco de 30 atores, ele também é o diretor do espetáculo, que ganha sua terceira montagem. As duas primeiras foram na Itália.

"Há cerca de cinco anos fui assistir a uma palestra sobre Pirandello no Instituto Italiano de Cultura. Durante o debate, desenvolvi um pouco minhas idéias", conta Amir. "Quando terminou, um senhor gordo com cara angelical, Camilo Bonomi, me abordou com sotaque carregado, dizendo ser um ex-ator da Cia. Eduardo de Fillippo, e me falou de um texto pouco conhecido de Giordano Bruno. Como estava escrito em italiano seiscentista, ele se propôs a fazer um resumo em português, cena por cena. Pedi ao Jorge Wanderley para traduzir o original — logo que ele terminou o primeiro copião, morreu. O Bonomi, com problemas de saúde, me avisou que iria à Itália e sumiu. De lá pra cá tentei mil patrocínios sem conseguir nada. Como meu contrato com o João Caetano é de produzir uma peça, me decidi, enfim, por *O Castiçal*. Estamos fazendo das tripas coração para colocar 30 atores em cena."

Hipocrisia social

Única peça escrita pelo pensador Giordano Bruno, queimado em praça pública pela ousadia de denunciar e afrontar o absolutismo da Igreja e negar que o homem devesse se conformar ao papel de inquilino temeroso e cordato da fé, *O Castiçal* toca fundo na questão da hipocrisia social, mostrando um bando de marginais napolitanos que passam seus dias inventando golpes para extorquir dinheiro dos cidadãos ditos "honrados" e endinheirados, "na época, tão comprometidos com a malandragem, a desonestidade e a imoralidade quanto aqueles de baixa extração social e de nenhum poder aquisitivo ou escolaridade".

Três senhores representam a ambição, o orgulho e o desejo. O primeiro (Lourival Prudêncio) quer fazer ouro em casa e é enganado por falsos alquimistas. O barítono Nelson Portela faz o professor erudito que só fala latim e ignora o saber popular. Por fim, o próprio Amir interpreta o homossexual que se casa, fica impotente depois de um ano e sente desejo por uma cortesã, achando que com ela vai firmar sua sexualidade.

O grupo de malandros, que se veste de policiais para assaltar, é formado por quatro atores-cantores, todos músicos: Ricardo Pavão, Sérgio Menezes, Felipe Rocha e Marcelo Vianna. "Os bandidos têm uma banda, pois o Amir gosta de música em cena", explica Marcelo. "É um texto que trata de diversos temas, como amor, religião, bandidagem e alquimia, numa história que vai sendo contada por todos."

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

AS BRUXAS DE SALÉM

Texto de Arthur Miller sobre acusações de rituais de bruxaria na puritana Nova Inglaterra. Direção de Antonio Abujamra e João Fonseca. Com Eriberto Leão, Claudia Lira, Bel Kutner . **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

ANTÍGONA – O NORDESTE QUER FALAR

Adaptação da tragédia clássica grega por Gisa Gonsioroski. Direção de Bemvindo Sequeira, que considera o aspecto da transgressão como a base principal da peça. Doze atores e quatro músicos coreografados por Cacau Mourão. **Teatro Gláucio Gill** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n). Fone: 2547-7003. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

ATACADO & VAREJO – UMA COMÉDIA DE MAUS COSTUMES

Primeiro texto adulto de Sura Berditchevsky, que protagoniza e dirige a história da professora aposentada que abre o próprio negócio, mostrando o cotidiano da classe média. Elenco: Mônica Martelli, Waleska Arêas. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2276-7295. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25.

BÁRBARA NÃO LHE ADORA

Texto e direção de Henrique Tavaes, sobre um grupo de teatro de vanguarda que recebe uma crítica arrasadora e resolve seqüestrar a crítica mais famosa do país. Elenco: Antonio Fragoso, Carla Faour. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20.

BATALHA DE ARROZ NUM RINGUE PARA DOIS

Comédia de Mauro Rasi escrita especialmente para Cláudia Jimenez e Miguel Falabella, falando dos caminhos e descaminhos do casamento. Direção de Miguel Falabella. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$30 (qua., qui. e sex.) e R$40 (sáb. e dom.).

CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Comédia de Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella sobre um banqueiro que planeja fugir do país depois de um gigantesco golpe. Direção de Miguel Falabella. Elenco: José Wilker, Natália do Valle, Ney Latorraca. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$30 (qui., sex. e dom.) e R$40 (sáb.).

CHEGA DE SOBREMESA

Monólogo que marca a estréia da atriz Stella Freitas como autora teatral. Com Stella Freitas. Direção de André Paes Leme. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dummont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

COLE PORTER – ELE NUNCA DISSE QUE ME AMAVA

Sucesso desde a estréia há dois anos e meio, conta a história de Cole Porter através de mulheres marcantes em sua vida, com 33 números musicais. Texto e direção de Charles Möeller. Direção musical de Cláudio Botelho. Elenco: Ada Chaseliov, Gottsha, Adriana Garambone, Kakau Gomes. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Morais, 824-A, Ipanema). Fone: 2523-9794. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$35.

COM A PULGA ATRÁS DA ORELHA

Comédia de Feydeau traduzida e adaptada por Gianni Ratto, sobre a mulher que desconfia da traição do marido e arma uma cilada com uma amiga. Direção de Gracindo Junior. Elenco: Herson Capri, Maitê Proença, Edwin Luisi, Rogério Fróes. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. De R$25 a R$40.

CONSTELLATION: O MUSICAL

Texto de Cláudio Magnavita que homenageia os anos dourados do Rio de Janeiro, entre as décadas de 50 e 60. Direção de Eduardo Loyola. Com Patrícia Levy, Adriana Quadros. **Café-Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18. R$35.

D. JOÃO VI

Texto e direção de Helder Costa, onde D. João VI conta, algumas vezes de forma humorada e outras dramáticas, as intrigas que o levaram a

assumir o poder. Elenco: André Valli, Flávio Migliacio, Ivone Hoffman, Carlos Gregório, Rogério Freitas e atores da Companhia Ensaio Aberto. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Av. 1°. de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$10.

DOROTÉIA MINHA

Criação e texto de Beth Goulart, inspirado nas cartas de amor que Nelson Rodrigues escreveu para Eleonor Bruno, avó da atriz. Direção de Victor Garcia Peralta. **Espaço III do Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 430, Copacabana). Fone: 2541-6799. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$12 (qui.), R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

E ÉRAMOS TODOS THUNDERBIRDS

Quatro traficantes de maconha consomem todo o produto antes de vender. Texto e direção de Mário Bortolotto. Com Fernanda D'Umbra, Mário Bortolotto, Joeli Pimentel, Aline Abovsky. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$5. De 21 a 23 de fevereiro.

EU TE AMO. VOCÊ É PERFEITA. AGORA MUDA!

Comédia musical de Joe Di Pietro, com versões de Aloísio de Abreu, mostrando em 18 esquetes os problemas do homem moderno. Direção de Wolf Maia, que atua ao lado de Danielle Winits, Sylvia Massari, Aloísio de Abreu. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$30 (qui. e sex.), R$35 (dom.) e R$40 (sáb.).

HOMEM OBJETO

Escrito por João Falcão e Luiz Fernando Verissimo, o espetáculo teatral multimídia trata das agruras do homem. Direção de João Falcão. Com Lúcio Mauro Filho, Bruno Garcia e Aramis Trindade. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

NADA DE PÂNICO

Comédia farsesca de Michael Frayn. Direção de Enrique Diaz. Com Nelson Dantas, Guida Vianna, Bruce Gomlevsky, Malu Valle, Cláudia Mauro. **Sala I do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2541-6799. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qui., sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

NORMA

Texto de Tonio Carvalho (que assina a direção) e Dora Castellar sobre as dificuldades do amor e as traições. Com Ana Lúcia Torre e Eduardo Moscovis. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Terça e quarta, 21h. R$25.

O CASTIÇAL

Texto de Giordano Bruno retratando as imperfeições humanas. Direção de Amir Haddad. Elenco: Leonardo Brício, Felipe Rocha, Marcelo Vianna. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n., Centro). Fone: 2232-8701. De quinta a domingo, 19h30. R$10 (qui., sex. e dom.) e R$15 (sáb.).

O DOENTE IMAGINÁRIO

Clássico de Molière sobre o rico e avarento burguês que sofre de hipocondria. Direção de Jacqueline Laurence. Elenco: Bemvindo Sequeira, Suely Franco. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4166. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$15 (qui. e dom.) e R$20 (sex. e sáb.).

PEQUENO DICIONÁRIO AMOROSO

Adaptação de Jorge Fernando do filme de Sandra Werneck, sobre o casal em busca do grande amor. A direção também é dele. Com Cristiana Oliveira e Eri Johnson. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui. e sex.), R$30 (dom.) e R$35 (sáb.).

QUEM TEM MEDO DE KURT WEILL

Roteiro de João Máximo sobre os tipos existentes nas composições de Kurt Weill, valorizando sua teatralidade e recriando o ar boêmio do cabaret. Direção de Fábio Pillar, que também atua ao lado de Márcia Cabral, Tadeu Aguiar e Cláudia Vigonne. **Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 2510-8848. De quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$10 (qui. e dom.) e R$15 (sex. e sáb.).

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

SEM VERGONHAS

Baseado na peça neozenlandesa que deu origem ao filme "Ou Tudo ou Nada", sobre seis desempregados que realizam um show de strip-tease. Direção de Guilherme Leme. Com Jandir Ferrari, Jayme del Cueto, Marcelo Escorel. **Casa de Cultura Hombu – Teatro Lapa** (Rua Mem de Sá, 33, Lapa). Fone: 2224-5734. Quinta e sexta, 19h30. Sábado e domingo, 20h. R$15 (qui. e dom.), R$20 (sex.) e R$25 (sáb.).

TERCEIRAS INTENÇÕES

Texto de Claude Magnier com tradução e adaptação de Juca de Oliveira, discutindo com humor o casamento, a infidelidade, a traição, o poder. Direção de Bibi Ferreira. Com Taumaturgo Ferreira, Isabela Garcia e Paulo César Grande. **Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui. sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

TERESA DE ÁVILA, A SANTA DESCALÇA

Monólogo de Fidelys Fraga apresentando uma dimensão humana e feminina da vida de Teresa de Ávila. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com Rita Elmôr. **Teatro Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. De quarta a domingo, 21h. R$15 (qua. e qui.) e R$20 (de sex. a dom.).

TODO MUNDO TEM PROBLEMAS SEXUAIS

Comédia de Alberto Goldin e Domingos Oliveira, baseada nas crônicas do psicanalista. Direção de Domingos Oliveira. Elenco: Pedro Cardoso, Ludmila Rosa. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

VAMOS SAIR DA CHUVA QUANDO A BOMBA CAIR

Jovem produtora tenta manter relacionamento com vagabundo incondicional. Texto e direção de Mário Bortolotto. Com o Grupo Cemitério de Automóveis. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$5. De 7 a 16 de fevereiro.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

Com A Pulga atrás da Orelha

"Uma produção espetacular, 14 atores maravilhosos em cena, comédia de matar de rir, elegante, gostosa de se ver. Um tipo de teatro que pouco se faz hoje em dia, pela dificuldade que é montar uma superprodução como essa. Parabéns!"

Luigi Baricelli, ator

Cole Porter – Ele Nunca Disse que Me Amava

"um espetáculo que não deve ser perdido. Há músicas envolventes que nos fazem recordar uma época, atores e cantores de primeiríssima qualidade, e ainda a marca de Cláudio Botelho e Charles Möeller, sempre referência de sucesso."

Ana Botafogo, bailarina

Terceiras Intenções

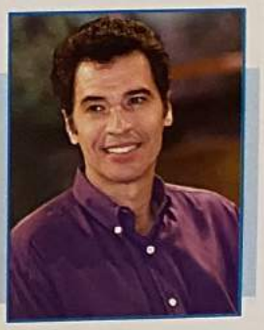
Juca de Oliveira adaptou um antigo *boulevard* francês à nossa realidade e Bibi o dirigiu com muita competência. Taumaturgo Ferreira, Isabela Garcia e Paulo César Grande estão divertidíssimos. Um ótimo programa de verão."

Gilberto Braga, autor

Arlequim, Servidor de Dois Patrões

O Luiz Arthur Nunes, diretor, foi feliz em todos os aspectos. Principalmente na escalação do elenco. O papel do Arlequim parece escrito para o Marcos Breda! O Ernani Moraes está ótimo! O trabalho de maquiagem também está excelente."

Paulo Betti, ator e diretor



Alice no país das maravilhas

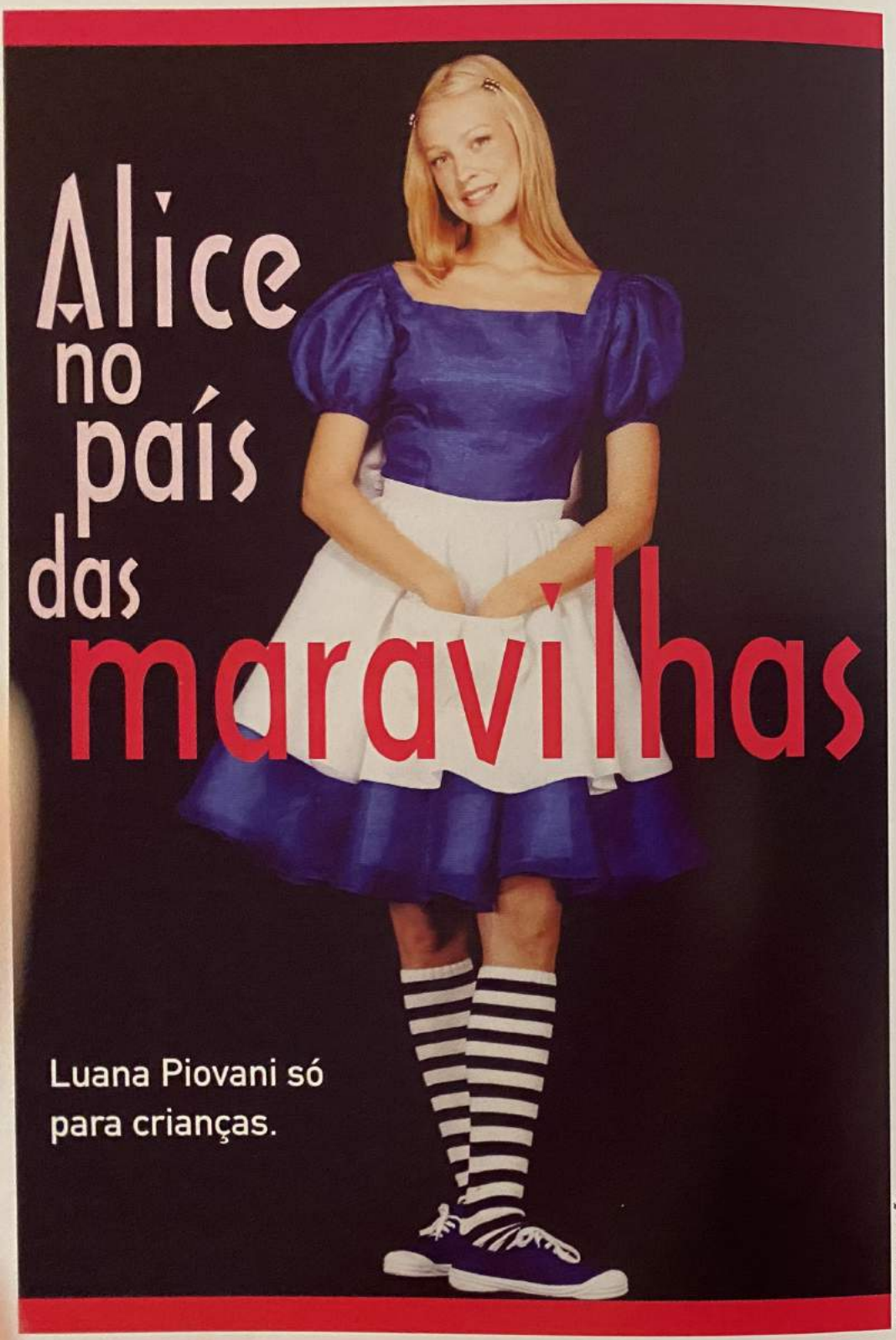


FOTO: DIVULGAÇÃO

Luana Piovani constatou, em sua primeira produção infantil, que não é nada fácil trabalhar para as crianças. O desafio começa pela dificuldade de se conseguir patrocínio — e segue com a procura de bons textos para conquistar a atenção dos baixinhos. A atriz foi à luta e finalmente realiza uma montagem teatral/musical em que interpreta a personagem de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol. A estréia é dia 1° de fevereiro, no Teatro João Caetano, a preços populares: R$10.

Quando criança, sempre que colocava uma faixa no cabelo Luana ouvia sua mãe dizer que estava parecida com Alice. É um personagem que sempre fascinou a atriz. "Alice é fantástica porque não tem moral", diz entusiasmada. "É um devaneio de criança com aquela coisa típica infantil: a plantinha fala, Alice cresce e diminui, não há príncipe que dá um beijo. Não tem bem nem mal".

Acrobacias no palco

Foi em Nova York, onde passou uma temporada, que a idéia de montar *Alice* começou a germinar em sua cabeça. Luana iria filmar com Jorge Furtado – *O Homem que Copiava* será lançado em maio próximo – e perguntou ao diretor quem ele indicava para fazer uma adaptação. Surpresa, ouviu de Furtado. "Que pena você não ter me pedido para fazer. Vou pensar em alguém".

"Jamais imaginei que ele aceitaria, ocupado como é." Já o Neco (Ernesto Piccolo, o diretor do espetáculo), desde que fizemos a peça A.M.I.G.A., sempre me dizia que era muito melhor diretor do que ator. Quando Alice aconteceu, lancei o desafio: agora você vai ter que provar o que diz."

Piccolo partiu da idéia do circo ao conceber a direção. Tentando não dar muita pista sobre o que acontece no palco, conta que quatro meninos do Afro Reggae farão acrobacias. A música de abertura foi feita especialmente por Milton Nascimento e Fernando Brant, e a trilha é de Fernando Moura em cima do tema de abertura: "Trabalho sempre com equipe", diz Piccolo. "Todos entram com seu talento, acreditando no trabalho. A coreografia de Alice é da Intrépida Trupe e o Gringo Cardia fez os cenários com vários efeitos especiais. Vamos brincar com tudo o que o circo e o teatro têm de magia. O lago de Lágrimas é uma surpresa, a maneira de Alice crescer é lúdica. Prefiro não contar mais para guardar o impacto."

Sob controle

Luana, como em A.M.I.G.A., é a produtora: "É muito melhor", diz ela. "A gente escolhe com quem quer trabalhar e também é responsável pelos erros. Sou virginiana, prefiro ser a responsável por tudo." Para compor o personagem, Luana diz que buscou o que tem de mais infantil dentro de si: "Trabalho muito comigo mesma, como me ensinou meu professor americano, John Strasberg. Ele acha que o ator tem que se envolver com o personagem". Surpresa mesmo terão os fãs da atriz com seus cabelos mais curtos e tingidos de louro branco, "quase uma Xuxa", brinca ela, que conseguiu patrocínio do Unibanco, Telesp Celular e Mac Donald's, este pela primeira vez como patrocinador cultural.

Sem vergonhas

Seis personagens a procura de um emprego...

Por Maria Lucia Rangel

Seis desempregados tentam reaver um pouco da dignidade perdida e da alegria de viver ao realizar, através de meios mirabolantes, um show de strip-tease masculino. A história, dos neozelandeses Stephen Sinclair e Anthony McCarter, inspirou o filme *Ou Tudo ou Nada*, e agora, adaptada por Guilherme Leme, que faz sua primeira direção, ganha como cenário a Lapa e seus personagens típicos, simpáticos malandros que moram, bebem e ali afogam as mágoas. Ao som de composições que vão de Noel Rosa a Adoniram Barbosa, o espetáculo *Os Sem-Vergonhas* reativa um espaço que andava meio esquecido, a Casa de Cultura Hombu – Teatro da Lapa.

Guilherme Leme tomou conhecimento da peça numa montagem feita em Buenos Aires. Fez a adaptação trocando o cenário de um bar por uma oficina mecânica. E começou pela Lapa, onde queria investir, à procura de uma oficina onde pudesse encená-la. Chegou ao casarão do grupo Hombu, já desfeito, e se apaixonou pelo espaço. O cenógrafo Sérgio Marimba conseguiu fazer uma instalação que reproduz a oficina de automóveis. E a história ganhou uma cara bem brasileira.

Strip-tease

"Há uns dois anos juntei uns amigos, uma galera sem dinheiro, e propus encenarmos *Os Sem-Vergonhas*", conta Guilherme. "Todo mundo fazendo na raça, sem ganhar um tostão, a não ser a bilheteria. Meio uma metalinguagem do que estamos fazendo. Todos adoraram". "Todos" são os atores Jandir Ferrari, Jayme del Cueto, Leandro Hassum, Marcelo Escorel, Marcelo Mello e Pedro Neschling. "O elenco vai dos 20 aos 70 anos", lembra o diretor. "De Pedro a Jayme".

Os personagens procuram sair da crise, do ócio e da desesperança. Freqüentam a oficina mecânica onde Chevrolet (del Cueto) é encarregado. Ali se reúnem quase diariamente para passar o tempo, falar da vida, chorar as mágoas e, principalmente, tentar ter uma idéia fantástica para ganhar algum dinheiro. Ela finalmente aparece e aí nascem os *Sem Vergonhas*, fazendo o strip-tease mais viril que o Rio já assistiu.

"Há anos venho querendo dirigir e não sinto frustração de não estar no palco. Dá até um certo alívio", admite Guilherme. "A agonia é quando a peça começa e sai das suas mãos. Mas me dá uma certa paz ver um trabalho que eu realizei."

Com muita música brasileira, começando com *Filosofia*, de Noel Rosa, nas vozes de Martinália e Adoniram Barbosa, a trilha tem até um remix de Noel cantando *Volta por Cima*, de Paulo Vanzolini. O strip-tease, com todos nus em pêlo, é feito ao som do mais puro espírito carioca, com os atores dançando a coreografia de Ana Paula Bouzas. "No início dos ensaios o pessoal ficou meio sem graça. Agora, já foi...", brinca Guilherme.

Fernanda Montenegro em Com a pulga atrás da orelha, Teatro Ginástico, 1960

REPRODUÇÃO

ROTEIRO E TEXTO: JOÃO MÁXIMO

DIREÇÃO: FÁBIO PILLAR

Quem tem medo de KURT WEILL? o musical

COM:

CLÁUDIA VIGONNE

FÁBIO PILLAR

MÁRCIA CABRAL

TADEU AGUIAR

ARRANJOS:

HELVIUS VILELA

TEMPORADA ESPECIAL:

QUI E DOM

R$ 10,00

R$ 15,00

SEX E SAB

RECOMENDADO PARA MAIORES DE 12 ANOS

TEATRO CCJF

AV. RIO BRANCO, 241, CENTRO TEL: 2510-8848

Eletrobrá

PROJETO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA